

A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA: CONTEXTOS E PERSPETIVAS NA PERCEPEÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cariele Patricia dos Santos Insfran¹

Igor Marcel Caffarena Jorge²

Deyvid Tenner de Souza Rizzo³

RESUMO

O presente estudo trata-se da Educação Física como forma de inclusão para alunos com síndrome de Down. A pesquisa relata a história da inclusão, assuntos referentes a síndrome de Down, os benefícios que esta disciplina traz para o aluno com a síndrome, e sobre a educação física adaptada. Tem por objetivo conhecer os métodos de incluir os alunos com síndrome de Down em suas aulas, onde a pergunta da pesquisa é analisar a se os professores conseguem incluir os alunos em suas aulas e de qual maneira, juntamente com os demais colegas sem deficiência nas aulas. Foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, onde os sujeitos de pesquisa são os professores de educação física, sendo dois homens e uma mulher, entre 30 a 35 anos de idade, a técnica de pesquisa foi realizado por meio de questionário aberto, contendo 10 perguntas entregue aos professores, todos formados há mais de 10 anos, trabalham em escolas da rede estadual e municipal na cidade de Ponta Porã- MS. Os resultados obtidos demonstram que os professores mesmo com dificuldades, sendo a de falta comunicação com o aluno, de laudo médico e até mesmo de ser algo “novo”, pelo fato de serem alunos com Down. Os professores conseguem inclui o aluno com síndrome em suas aulas, sendo por meio de atividades adaptadas, jogos de cooperação.

Palavras-Chave: Síndrome de Down; Inclusão; Educação Física

ABSTRACT

The present study treats of the Physical Education like form of inclusion for students with syndrome of Down. The investigation relates the history of the inclusion, subjects referents the syndrome of Down, The profits that this discipline brings for the student with the syndrome, and on the Physical Education Adapted. Has by aim know the. Methods to include the students with syndrome of Down in his classes, where the question of the investigation is to analyse to if the professors achieve to include the students in his classes and of which way, jointly with the other mates without deficiency in the classes. It was made by means of a qualitative investigation, where the subjects of investigation are the professors of Physical Education, being two men and a woman, between 30 to 35 years of age, the technician of investigation was made by means of open questionnaire, containing 10 questions deliver to the professors, all formed does more than 10 years, work in schools of the provincial and municipal network in the city of Ponta Porã-MS. The results obtained demonstram that the same professors with difficulties Being to of lacking communication with the student, of medical decision and even to be something? By the fact to be students with Down. The professors achieve includes the student with syndrome in his classes, being by means of activities adapted, game of cooperation.

¹ Licenciado em Educação Física pelas Faculdades Magsul.

² Docente das Faculdades Magsul .

³ Doutor em Ciências do Desporto e professor no curso de Educação Física-FAMAG.

Keywords: Down Syndrome; Inclusion; School Physical Education, Deficiency.

1. HISTÓRIA DA INCLUSÃO

No ano de 1944, construíram escolas especiais para educar crianças com deficiência, surgindo uma Lei de Educação, em que se estabeleceu categorias de dificuldades, eram pessoas com deficiências visuais, com incapacidades na fala, em limitações físicas, e tinha também aqueles que era considerado que não tinha nenhuma capacidade de serem educadas. Anos depois, em 1970 houve uma alteração na Lei, em que virou obrigatório ter educação para todo tipo de criança com dificuldades. Em 1981, a Lei de Educação começou a seguir muitas coisas que o Comitê de Warnock proporcionava, com objetivos de que a aprendizagem de alunos com ou sem deficiência, deveria ser as mesmas, com isto o aluno com qualquer tipo de deficiência poderia conhecer o mundo em que viviam, ter responsabilidades, como qualquer outro (WISE, GLASS, 2003).

Com o passar das décadas os deficientes foram ganhando seu espaço e seus direitos na sociedade, mostrando a escola é um local de oportunidades para todos independente da pessoa, é neste ambiente que a criança tem novos aprendizados, a lidar com outras pessoas diferente e ser aceita no meio em que esta, nesse sentido os autores descreve que:

Grupos de direitos das pessoas com deficiências, como o Independent Panel for Special Educational Advice (IP-SEA) foram uteis em ajudar a mudar a visão da criança com dificuldades de aprendizagem, de maneira que elas fossem vistas primeiramente, e somente, como crianças, o papel da escola era o de proporcionar as oportunidades aprendizagem mais adequada para cada criança. Apesar dessa filosofia, permaneceu uma grande preocupação nas escolas comuns em relação ao cumprimento das necessidades dessas crianças (WISE; GLASS, 2003, p. 14).

É importante observar que mesmo com as leis, ainda existe muitas escolas que têm um pouco de receio trabalhar com criança com qualquer tipo de deficiência, seja por falta de conhecimento nesta área, medo das dificuldades que iram ter que enfrentar e até mesmo por não querer alunos com deficiência por conta de preconceito com eles, mesmo nos tempos de hoje, mas de qualquer modo é um direito do aluno com deficiência ser tratado da mesma maneira na escola, ou seja, com um “ acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular” (SERRANO, 2007).

Conforme Mantoan (2003), integração está mais voltada para inserir o aluno no meio, seja como ele for sendo assim todas criança com ou sem deficiência, não só podem como tem devem estar integrados nas escolas por conta de seus direitos, uma triste realidade que em algumas escolas, eles parecem ser obrigados a matricular estes alunos, ou seja, isto não significa que haja inclusão.

Um dos assuntos que vem sendo comentado é a diferença de inclusão e integração nas escolas, os alunos com deficiência têm o direito de frequentar a escola regular, mas nem sempre os professores procuram metodologias para que não haja exclusão, uma aula ou outra diferenciada para incluir este tipo de aluno, esta visão a autora descreve que:

Na perspectiva inclusiva, suprime-se a subdivisão dos sistemas escolares em modalidades de ensino especial e de ensino regular, as escolas atendem as diferenças sem discriminar, sem trabalhar a parte com alguns alunos, sem estabelecer regras específicas para se planejar, para aprender, para avaliar (currículos, atividades, avaliação de aprendizagem para alunos com deficiência e com necessidades educacionais especiais) (MANTOAN, 2003 p. 25).

Existem aqueles professores que são totalmente ao contrário, que cabe a ele propor a diversidade, aulas variadas, que busca entender a dificuldade de cada um, de estimula- los e que independente se tem deficiência ou não, demonstrar ao aluno é fundamental para a sociedade da maneira que é, para que assim o aluno se sinta incluído e queira sempre participar das aulas.

A ligação entre a integração e inclusão, deveria acontecer em todas as escolas, ou seja, onde todos têm seus direitos e deveres. Não apenas para o professor, mas também pelo aluno, afinal do que adianta o professor fazer atividade diferenciadas, mas os alunos não querer participar, por isto é importante a relação de professor-aluno, para que ambos saiam satisfeito, o professor por ensinar e o aluno por aprender (LONGO, KOGUT E ALMEIDA, 2009).

De acordo com Alves (2003), a escola de certa forma acaba sendo base de onde as pessoas começam a aceitar as diferenças umas das outras, a culturas, raças, ou seja, mostrando que todos são diferentes um do outro, aprendendo também há respeitar as diferenças acima de tudo. Deve- se mostrar a este aluno que a escola é um local de aprende assuntos e conteúdos novos, sendo assim cabe ao professor fazer o possível para que o aluno tenha aprendizagem e progridam para novos conhecimentos.

2. SÍNDROME DE DOWN

Por volta de 1838, teve a primeira descrição de uma pessoa com síndrome de Down, mais não foi concretizado. Alguns anos depois, em 1846, Edouard Seguin, descreveu um de seus pacientes com a aparência com as mesmas características, chamando ele idiota. Em 1866, Duncan descreveu uma menina com os olhos puxados como se fosse chinês, a cabeça pequena e redonda, entre outros fatores. Depois de 1866, não houve mais nenhum registro que foi publicado, por quase uma década. Em 1876, J. Frase e A. Mitchell descreveram sobre o pescoço encurtado, eles receberam o mérito por terem feito o primeiro relato científico sobre os Down, em Edimburgo. Em 1877, Willian Ireland incluiu pacientes com Síndrome de Down, em seu livro como crianças especiais (PUESCHEL, 2003).

O Ministério da Saúde (2012), relata que esta síndrome leva este nome por causa de um médico chamado John Langdon Down, que no ano de 1866, trabalhou em um hospital para pessoas com deficiência intelectual, e descreveu as características que um Down possui e publicou um artigo, por esta razão a síndrome tem o sobrenome do médico.

Embora não se conhece a causa dessa alteração genética. Sabe-se que não existe responsabilidade do pai ou da mãe para que isto ocorra. Qualquer casal pode ter um filho com Síndrome de Down, não importa, a raça, religião e até mesmo a classe social, isto acontece na genética, não é passada de geração em geração. Isto ocorre, pois de acordo com Coelho (2016), a síndrome de Down é identificada por um erro na distribuição dos cromossomos nas células, é mais conhecida como trissomia 21.

Ela é chamada assim pois possui três cópias nos cromossomos em vez de duas. São três tipos, a trissomia 21 simples que é a mais conhecida na maior parte dos casos das pessoas que tem a síndrome, pois possui os 47 cromossomos em todas as células, também tem a conhecida como mosaico onde algumas células têm 47 e outras 46, é um dos poucos casos de acontecer e o terceiro tipo é a de translocação onde os cromossomos estão grudados em outro é o segundo caso mais difícil de se acontecer depois do mosaico (SANTOS, CARDOSO; 2007).

Os genes que é determinado a aparência e as funções do corpo, o mesmo acontece com um indivíduo que nasce com Síndrome de Down, as características físicas são influenciadas pelos genes, tanto da mãe, como do pai, se parecendo até certo ponto com os pais, por exemplo, o corpo, cor dos cabelos e dos olhos, (PUESCHEL, 2003). As características físicas de pessoas com síndrome de Down é que eles têm a cabeça mais

achatada, as orelhas, as mãos, os pés, a boca menor, o ligamento solto, o nariz achatado e dobras pequenas no canto dos olhos (SANTOS, CARDOSO; 2007).

Cada pessoa que possui esta síndrome é parecida nas características físicas, de acordo com os autores citados acima, entretanto cada um tem seu jeito de ser, de agir, uns com mais facilidades de desenvolver atividades física ou me que o outro. De acordo com Coelho (2016, p. 6) ” as pessoas com síndrome de Down costumam ser menores e ter um desenvolvimento físico e mental mais lento que as pessoas sem a síndrome”.

Há muitos anos vem sendo comentado sobre esse termo utilizado, que atualmente é conhecido como deficiência, de acordo com Cidade e Freitas (2009), significa que é aquela pessoa incapaz de se assegurar em suas capacidades físicas ou mentais. Algumas das definições de acordo com a Organização Mundial de Saúde é chamada de deficiência, de impedimento e incapacidade, no psicológico, fisiológico e anatômico.

A deficiência intelectual não é uma doença, é um fator que é afetado no cognitivo. Esta deficiência atinge 1 % da população, o desenvolvimento do raciocínio é diferente dos outros, é mais lento. Para ser o psicólogo diagnosticar a criança deve realizar entrevista de anamnese e testes psicológicos, entre outros. Todas pessoas que tem síndrome de Down, tem a deficiência intelectual, nesse sentido o autor Tédde (2012, p.24), descreve que, “ as causas da decência são desconhecidas de 30 a 50% dos casos. Estas podem ser genéticas, congênitas ou adquiridas”.

A deficiência intelectual, também é conhecida como, deficiência mental, onde a pessoa tem dificuldade de aprendizado por uma falha no cognitivo, é uma da deficiência mais complicada de se entender do que as outras. “Ela é uma interrogação e objeto de investigação de inúmeras áreas do conhecimento” (GOMES *et al.*, 2007). Por esta razão e outras é importante que o professor conheça bem seu aluno, para conseguir entendê-lo e assim possa aplicar atividades que ele consiga desenvolver durante suas aulas com êxito. Demonstrando que mesmo com as dificuldades mental de um aluno é possível trabalhar com ele sim, e com os demais alunos, o professor tem um papel fundamental em incentivar este aluno a trabalhar o cognitivo.

Foi por volta da década de 50 que surgiu o termo de Educação Física Adaptada, em um local chamado *American Association for Health, Physical Educação, Recreation and dance*, lá era desenvolvida diversas atividades de acordo com a capacidade de cada estudante com deficiência. No ano de 1982 foi conhecida definitivamente, sendo educação física para pessoas com portadoras de necessidades especiais (CIDADE e FREITAS, 2009).

Entretanto, o termo utilizado como “educação física para portadores de necessidades especiais”, não é mais utilizada, pelo fato da palavra “portador” dá a impressão que a deficiência é algo que dá para ser carregada ou colocada em algum lugar.

O conteúdo da educação física não muda para pessoas com deficiência, o que muda são as formas, métodos e técnicas para serem aplicadas e praticada pelas pessoas com deficiências, pois por muito tempo e até os dias de hoje a educação física é uma aula que os melhores sempre se destacam e participam de tudo, “o surgimento da Educação Física Adaptada vem contribuindo para minimizar esta visão da disciplina, fazendo com que as escolas repensem sobre as necessidades dos alunos com deficiência” (BRITO E LIMA; p.6)

Para que o professor consiga aplicar atividades para o aluno ele deve ter o máximo de conhecimento sobre a deficiência do seu aluno, para que o aluno se sinta bem em participar das suas aulas. O professor deve sempre está analisando sua aula, juntamente com o aluno, (CIDADE E FERREITAS, 2009).

Dessa forma, cabe aos professores de Educação Física que trabalham com as pessoas com deficiência ou não, terem conhecimentos básicos relativos ao seu aluno, bem como competência para organizar os ambientes que permitem a execução das tarefas, conforme o aluno for se adaptando às aulas, o nível vai aumentando (BRITO; LIMA, p. 6).

Com o passar das aulas, o professor vai conseguindo ganhar o respeito e a confiança do aluno, para que assim consiga desenvolver outras atividades, cada vez com níveis mais avançados, conforme o autor descreveu na citação acima. Cada avanço é uma conquista não apenas para o aluno, mas também para o professor, fazendo com que isto sirva de motivação para ambas as partes, buscando novas maneiras de ensino-aprendizagem.

3. CAPACIDADES DESENVOLVIDAS

Todas pessoas possuem capacidades a serem desenvolvidas, basta que sejam trabalhadas diariamente, seja ela uma pessoa com ou sem deficiência, nesta visão os autores Santos, Lamborguini e Lima, (2007, p. 17) concluem que “pessoas que nascem com síndrome de Down, possuem várias capacidades de desenvolvimento, e são bem inferiores de pessoas que não tem deficiência”.

Sendo assim, desde crianças, deve-se dar uma atenção maior, para que eles desenvolvam o cognitivo, a fala e o desenvolvimento psicomotor, entre outros aspectos. A

educação física adaptada com atividades motoras, jogos, faz com que o aluno utilize suas habilidades, com isto eles acabam desenvolvendo melhor e o máximo de suas capacidades (CIDADE E FREITAS, 2009).

De acordo com Santos, Lamborguini e Lima, (2007, p. 22), “a recreação, jogos, brincadeiras e esportes são meios para que ocorra o desenvolvimento de pessoas com síndrome de Down ou qualquer outra pessoa”. Em relação a alunos com Síndrome de Down, eles têm muito mais dificuldades do que uma criança sem deficiência, e através da atividade física, acaba melhorando a coordenação motora, o controle da segmentação, em que acaba tendo que trabalhar mais a força do braço, com o ombro e também com o pescoço.

De certa forma praticar atividades físicas não ajuda apenas no desenvolvimento motor, melhora sua autoestima, autoconfiança e outros diversos benefícios. As pessoas com Síndrome de Down têm muita tendência de desenvolver a obesidade, ter diabetes, problema no coração e ao praticar atividades, além de melhorar o desenvolvimento psicomotor, cognitivo (BOAVENTURA, CASTELLI E BARATA, 2009).

A Educação Física oferece vários fatores positivos na vida de todos, inclusive de pessoas com síndrome de Down, por meio da atividade física pode haver integração social, a vontade de praticar esportes, melhora a autoestima, a autoconfiança, a inclusão, sem falar que quando se trabalha o corpo, está trabalhando a mente, entre diversos outros fatores, sendo assim várias capacidades podem ser desenvolvidas (SANTOS, LAMBORGUINI E LIMA; 2007). A Educação Física é uma disciplina que pode trazer diversos benefícios para a vida do aluno com ou sem deficiência.

4. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa que buscou analisar a inclusão do aluno com síndrome de Down no contexto e perspectiva do professor de Educação Física.

“Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”. (LUDKE E ANDRE, 1986, P. 45).

Por meio de uma pesquisa qualitativa, onde os instrumentos e procedimentos utilizados para a coleta de dados fosse realizado por meio do questionário aberto, para fazer a análise e discussão das respostas obtidos do sujeito da pesquisa. Por intermédio dela, outros

procedimentos foram adotados, como já havia dito a pesquisa bibliográfica e a de campo para fazer o levantamento dos dados, realizado por um questionário, (SEVERINO, 2007), na técnica de pesquisa estará explicando melhor o porquê desta escolha.

A pesquisa foi realizada no município de Ponta Porã - MS, em escolas da rede estadual e municipal, pela razão de ser as únicas escolas que tem alunos com Down, e para analisar se havia diferença de ser escolas de redes diferentes. No total foram três escolas, o motivo da escolha dessas escolas, foi pelo fato de serem as únicas que possui aluno com síndrome na rede pública, sendo três alunos com Down, cada professor trabalha com um em escolas diferentes. O nome das escolas e dos professores não aparecem por escolha da direção.

O que motivou a realizar este estudo, foi uma situação que vivenciei durante o estágio do Vale Universidade, onde o professor de educação física não conseguia incluir o aluno com a síndrome em suas aulas, deixando sempre o aluno sentado separados dos outros, foi então que surgiu a escolha do tema para identificar se existia professor que conseguisse incluir o aluno com a síndrome em suas aulas com os demais alunos.

O estudo teve como sujeito de pesquisa, três professores que trabalham no ensino fundamental I, sendo dois homens e uma mulher, formados em Educação Física, atuam nos períodos matutino e vespertino, em escolas diferentes. Os três têm em sua turma um aluno com a síndrome, sendo três alunos que estudam na segunda série, são duas meninas e um menino, juntamente com os demais alunos sem deficiência.

A justificativa do sujeito, primeiramente foi porque os professores que ministram as aulas e devem encontrar atividades para todos alunos, sem discriminação com os que têm uma deficiência. Até porque durante os estágios, os alunos com a síndrome não conversavam muito, não sabiam escrever, deu para observar algumas dificuldades que os professores tinham para trabalharem com estes alunos. O nome das escolas e dos professores não foram identificados por razão da prevenção e dos direitos para preservar a imagem da escola e também por escolha dos profissionais.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário aberto contendo 10 perguntas, entregue aos professores, dos três, 2 levaram o questionário para responder em casa, pelo motivo que estava sem tempo para responder na hora e 1 respondeu na frente do pesquisador, não demonstrando dificuldades ou dúvidas quanto as perguntas.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 69), “ a linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado”.

Analisando se os professores conseguem trabalhar e até mesmo se tem dificuldade em incluir o aluno em suas aulas. Permitindo assim fazer um levantamento de acordo com cada resposta dada pelos professores em sua área de atuação.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As duas primeiras questões do questionário aplicado são voltadas para o tempo de formação em Educação Física e quantos anos eles trabalham na área, o professor “A” está formado a 10 anos, atuando a 9 anos, professor “B e C” são formados a 12 anos e atuam na área a 10 anos.

O professor “A e B” diz que já se imaginavam trabalhar com alunos com síndrome de Down, e o professor “C”, escreve que tem a especialização em Educação Especial, qualificado para trabalhar a inclusão. É importante buscar novos métodos para trabalhar com o aluno com deficiência.

A muitos anos se fala sobre uma escola inclusiva, e para que isso acontece é importante que haja professores preparados para este novo desafio, depois de formado é importante que ele complemente em outros cursos para se especializar em inclusão para alunos com necessidades especiais (CARVALHO, 2015).

De acordo com as respostas dos professores de “A, B e C”, onde cada um foi nomeado com letras para evitar nomes verdadeiros, os 3 professores relataram que durante a sua vida acadêmica, obtiveram conhecimento sobre o conteúdo de educação física adaptada, entretanto era chamado de outro nome a disciplina, e foi um conteúdo básico, nas palavras de um dos professores eles dizem que foi “tratado de maneira superficial”.

O professor “A” diz que os desafios enfrentados para trabalhar com o aluno com síndrome de Down é: a falta de comunicação e interação. Cabe ao professor procurar maneiras para que hajam interação e inclusão do aluno em sua aula, pois na visão de Longo, Kogut e Almeida (2009), o certo a fazer é uma ligação entre a integração e inclusão, onde ambos têm seus direitos e deveres, em que o professor sairia ganhando por ensinar e transmitir o conhecimento, por outro lado o aluno aprende-se e fosse incluso na aula.

O professor “B” diz: o desafio é o “novo”, e comenta sobre a experiência que ele teve no ano em que ainda fazia estágio, pois não tinha conhecimento nenhum sobre como trabalhar com alunos com deficiência, e foi então que surgiu o tema de pesquisa e o professor “C” conclui dizendo que para ele o desafio foi a falta de laudo do médico habilitando o aluno a participar da aula e a falta de material na escola.

A autora Silva (2011) conclui, pois diz que na maior parte das escolas, não possuem materiais e nem mesmo lugares confortáveis ou adequados para trabalhar com o aluno que tem deficiência.

O professor tem o papel muito importante de conseguir adaptar sua aula, para que assim consiga incluir o aluno, conforme as respostas dos professores “B” e “C” afirmaram que não há exclusão em suas aulas, entretanto o professor “A” diz que houve poucas vezes, não explicando o motivo do porque isto acontece.

De acordo com Alves Duarte (2013), ele relata que o principal motivo, de exclusão é o isolamento social, fazendo com que o aluno seja excluído por ser rejeito pelos demais colegas.

O professor “A” diz que só consegue desenvolver atividades com a ajuda do auxiliar, Souza, Valente, Pannuti (2015), complementa dizendo que o professor regente na maioria das vezes não consegue dar a devida atenção a todos, mas com a ajuda do professor de apoio que é especializado para trabalhar com pessoas que tem algum tipo de deficiência fica bem mais fácil. Mas isto não significa que em todas as escolas tem alguém para auxilia.

O professor “B” diz que as atividades devem ser adaptadas para incluir o aluno com os demais. Esta resposta é algo complicado de se discutir, afinal qual é o correto a se fazer é que a escola como um todo se adapte ao aluno ou o aluno deve se adequar? No decorrer das aulas aprendemos que é possível adequar as atividades, mas nem todas aulas será realizada com êxito. É um direito do aluno com deficiência participar da aula com qualquer um, entretanto não sera da mesma maneira, o professor deverá entrar atividades para ele desenvolva, mas respeitando o limite do aluno.

Conforme Silva *et. al.* (2006), A Escola, ou seja, os professores e demais membros deve estar ciente que deve adaptar na medida do possível suas aulas para receber e incluir o aluno com deficiência, ou seja, busca materiais didáticos diferente para conseguir desenvolve atividades com o aluno e os demais.

O professor “C” conclui dizendo que muitas vezes a criança com síndrome de Down não quer participar, ou seja, a falta de interesse do aluno também interfere na hora que o professor tenta trabalhar com ele, ainda mais quando a atividade exige o cognitivo.

Não é possível sempre dar 100% de atenção, o professor que diz isto, que consegue está mentindo, até mesmo porque as vezes o aluno mesmo não quer participar, sendo assim está se excluindo sozinho e por mais que o professor tente sempre busca algo novo e tenta se adaptar não é sempre que vai conseguir inclui-lo.

De acordo com as respostas dos professores “A” “B” e “C”, em relação as atividades que os alunos conseguem desenvolver, são os jogos cooperativo. O aluno com síndrome de Down brinque com os outros colegas, desenvolvendo a socialização, afinal por meio destes jogos todos são ganhadores, não exige que ele seja o melhor.

“Através do lúdico os alunos com deficiências têm a oportunidade de analisar seus conhecimentos e de interagir com os colegas e professores”, (ALMEIDA, CORDEIRO; 2014, p. 13).

Com todos os alunos se deve ter cuidado nas suas aulas, na questão de número 9 os professores responderam que para realizar alguma atividade com o aluno com a síndrome, deve analisar as capacidades, potencialidades, deve ser adaptada de acordo com o grau de dificuldade e que deve se utilizar o laudo médico para montar a sua aula.

Os planos de aula dos professores devem ser de acordo com os conteúdos que eles devem ensinar aos alunos, mas ele deverá encontrar uma maneira para que seus alunos consigam realizar, para que haja ensino- aprendizagem para todos inclusive para alunos com deficiência, sendo assim, o professor deve montar seus planos de aula, de acordo com o grau de desenvolvimento do aluno, para que assim ele vá avançando cada vez mais.

Cada professor tem sua maneira de avaliar, alguns pelos trabalhos, comportamento, provas e participação, nessa visão a última pergunta do questionário foi voltada sobre qual forma o aluno com síndrome de Down é avaliado. O professor “A” e “B” responderam que é de acordo com a atividade que ele consegue realizar individualmente e o professor “C” disse que deve ser avaliado diagnosticamente para ver seu potencial e dessa forma analisar seu desenvolvimento. A avaliação deve informar o desenvolvimento, analisando as atividades que ele consegue desenvolver, por esta razão é necessário que o professor conheça bem seu aluno.

Conforme Oliveira e Campos (2005), a avaliação é uma maneira de analisar a aprendizagem do aluno, de ver o que ele sabe e do que aprendeu sobre determinado conteúdo, para que assim faça novas estratégias de ensinar seu aluno com deficiência.

Todas pessoas têm seu jeito e maneira de aprender, da mesma maneira que cada professor tem uma maneira de ensinar, nessa visão o professor deve ensinar aos alunos sua maneira de avaliar. O aluno com deficiência tem dificuldades de aprender, tendo seus limites,

principalmente os alunos com Down, pois a deficiência deles é no cognitivo. Dessa maneira o professor deve avaliar o aluno de acordo com as atividades que o deficiente consegue realizar, para assim possa avalia-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa pode-se constatar que os professores por mais que tiveram uma disciplina na faculdade onde o conteúdo foi tratado de uma maneira superficial, os professores esperavam trabalhar com alunos com deficiência, inclusive o aluno com Down.

Todos professores têm seus desafios, e para esses são a falta de laudo médico, dizendo se o aluno está apto a fazer todas atividades e também de interagir com o aluno.

É importante lembrar que por meio da Educação Física o aluno com síndrome de Down pode desenvolver diversas capacidades e traz muitos benefícios para ele, basta acreditar, estimular e trabalhar de uma forma mais atencioso com o mesmo.

O problema principal da pesquisa é analisar se os professores conseguem incluir o aluno com síndrome de Down em suas aulas?

Conclui-se a pesquisa que os professores conseguem sim incluir o aluno com Down, por meio de atividades adaptada, como por exemplo circuito de corrida, com cones, saltas, arremessar, brincadeiras como rouba bandeira, pato ganso, entre outras, com ajuda ou sem ajuda de outro profissional auxiliar, tudo para que não haja exclusão deste aluno, por meio de brincadeira e jogos.

Foi possível analisar que o professor consegue incluir o aluno, entretanto em relação a inclusão é um tema abrangente. Afinal a escola deve se adaptar ao deficiente ou o deficiente se adequar a escola?

A relevância desta pesquisa é sobre o termo inclusão, que vem sendo um dos assuntos cada vez mais comentado no ambiente escolar, e por meio deste estudo outras pessoas poderá utilizar como auxilia se for referente a inclusão do aluno com síndrome de Down na Educação Física.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. D. S.; CORDERO, O. G. H.; A inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais nas aulas de Educação Física no ensino regular. (Editorial). *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 5(2): 81-97, jul-dez, 2014.

ALVES, F. *Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio*. Rio Janeiro: WAK, 2003.

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E.; A exclusão nas aulas de Educação Física: fatores associados com participação de alunos com deficiência. (Editorial). *Movimento*, v.19, n. 01, p. 117-137, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes de atenção a pessoas com Síndrome de Down*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BOAVENTURA, R. D. S.; CASTELLI, M. D. S., BARATA, T. C. R. Os benefícios da atividade física para a pessoa com deficiência. (Editorial). *Omnia Saúde*, v. 6, n. 1, p.51-61, 2009.

BRITO, R. F. D.A.; LIMA, J. F. Educação Física Adaptada e Inclusão: Desafios encontrados pelos professores de educação física no trabalho com alunos com deficiência. *Corpo, movimento, saúde*. No prelo.

CARVALHO, J. B. D. S.; *A importância de professores na escola inclusiva: estudo de caso na escola classe n 64 de Ceilândia Sul- Brasília/ DF*. Trabalho de conclusão de curso (monografia), Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Inclusão Escolar, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano- PED/ IP – UnB/UAB. Brasília- DF, 2015.

CIDADE, R. E. A.; FREITAS P. S. D. *Introdução à Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2009.

COELHO, C. A SINDROME DE DOWN, *Psicologia.PT: O portal dos Psicólogos*, Portugal, 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, A. I. L.; FERNANDES, A. C.; BATISTA, C. A. M.; SALUSTIANO, D. A.; MANTOAN, M. T. E.; FIGUEIREDO, R.V.; *Educacional Especializado*. Brasília: DF, 2007.

LONGO, P. F.; KOGUT, M. C.; ALMEIDA, L. O. d. C. d. A ação do professor de educação física em um contexto social precário. In: IX Congresso Nacional de Educação – educere III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba 2009. *Anais...* Curitiba: PCUPR, 2009. p. 1-15.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A.; *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

- MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo, 2003.
- OLIVEIRA, A. A. S.; CAMPOS, T. E.; Avaliação em Educação Especial: o ponto de vista do professor de alunos com deficiência. (Editorial), Estudos em Avaliação Educacional, V. 16 n. 31, jan/jun, 2005.
- PUESCHEL, Siegfried. *Síndrome de Down: guia para pais e educadores*. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- SANTOS, D. A. D.; LAMBORGUINI, D. B.; LIMA E. D. N.; *Benefícios da Educação Física para aluno com Síndrome de Down da Associação Pestalozzi de Ouro Preto do Oeste, RO*. Trabalho de Conclusão do Curso (Monografia), Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Ji-Paraná/RO, 2007.
- SANTOS, S. D. S. B. D.; CARDOSO, S. D. L.R.; *A inclusão do aluno com síndrome de Down nas aulas de educação física da escola de ensino regular*. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2011.2/SUZANA_SANTOS.pdf>
- SERRANO, M. *Lei de Diretrizes e Bases Educacionais*. Brasília: DF, 2007.
- SEVERINO, A. J. *METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, A. F.; CASTRO, A. L. B.; BRANCO, M. C. M. *A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- SILVA, M. D. R.; *Dificuldades enfrentadas pelos professores na educação inclusiva*. Trabalho de Conclusão do Curso (Monografia), Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar- UAB/UnB; Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento- PED, Brasília/DF, 2011.
- SOUZA, F. F. D.; VALENTE, P. M.; PANNUTI. IXX Congresso Nacional da Educação. N. 29., 2015, Catedral. *O papel do professor de apoio na inclusão escolar*. Catedral Unesco: Seminário internacional sobre Profissionalização Docente. 2015. 11 p.
- TÉDDE, S. *Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão*, 2012, 99 f. Tese (Mestrado em educação) Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012.
- WISE, L.; GLASS, C. *Trabalhando com Hannah: uma criança especial em uma escola comum*. Porto Alegre: Artmed, 2003.